

**O PROBLEMA DOS CARTEIS NARCOTRAFICANTES NO MÉXICO:
UMA DISCUSSÃO**

Danillo Avellar Bragança

Mestrando em Relações Internacionais/PPGRI-UERJ
Orientador: Prof. Dr. Claudio de Carvalho Silveira
E-mail: DBRAGANCA@firjan.org.br

Recebido em: 26 jul. 2013
Aceito em: 05 ago. 2013

RESUMO

Dentro da lógica do rápido fluxo de informações, bens e pessoas, que é típica dos dias de hoje, podem-se destacar pontos positivos e negativos. Em relação aos negativos, pode-se dizer que problemas que antes eram integralmente restritos à esfera dos Estados nacionais, hoje são problemas que ultrapassam as fronteiras, constituindo em desafios internacionais. Um deles é o caso do narcotráfico no México, que desde o início deste século, vem colocando em evidência o país no cenário internacional, mesmo que negativamente. Uma série de fatores pode ser considerada para se tentar entender como este processo teve início neste país, desde fatores históricos, passando pela proximidade com o maior mercado consumidor, que é o mercado norte-americano, o relativo sucesso do Plano Colômbia, até a própria lógica do capital internacional dos dias de hoje. No entanto, há de se pensar também nas consequências disto, que são nefastas e estão atingindo diretamente pontos importantes dentro da própria condição de Estado que o México naturalmente apresenta, mas que vem sendo seriamente questionada. A intenção deste texto é apresentar esta discussão, trazendo informações em relação a como as coisas vem sendo conduzida nos dias de hoje, e como isto de fato vem desafiando o Estado mexicano.

Palavras-chave: Narcotráfico, Fluxos transnacionais, Agenda internacional

ABSTRACT

Within the logic of the rapid flow of information, goods and people, which is typical of today, we can highlight strengths and weaknesses. With regard to negative, it can be said that problems that were once entirely restricted to the sphere of national states today are problems that transcend borders, constituting international challenges. One is the case of drug trafficking in Mexico, since the beginning of this century, has put in evidence the country in the international arena, even negatively. A number of factors may be considered in order to try to understand how this process began in this country from historical factors, through proximity to the largest consumer market, which is the North American market, the relative success of Plan Colombia, to the very logic of international capital of today. However, one should also think about the consequences of this, which are harmful and are directly reaching important points within the statehood that Mexico has naturally but has been seriously questioned. The intention of this paper is to present this discussion bringing information regarding how things are being conducted these days, and how it actually is challenging the Mexican State.

Keywords: drug trafficking, transnational flows, international agenda

1 A QUESTÃO DO NARCOTRÁFICO COMO PROBLEMA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com o fim da Guerra Fria, uma nova ordem pode emergir. Desde o fim das tensões entre as duas superpotências dominantes, Estados Unidos e União Soviética, que até o início da década de 1990 estavam em um embate direto pelo controle ideológico, político e econômico do planeta, foi possível perceber o surgimento de uma nova organização de poder. Este novo momento tem como característica básica de seu sistema a bipolaridade, o domínio da agenda de assuntos mais especificamente ligados à tensa relação entre as duas superpotências e pelo risco da destruição total.

Os anos iniciais do período chamado de pós-Guerra Fria guardam uma euforia que pode ser comparado com a ilusão dos anos do pós-Segunda Guerra Mundial. Essa euforia é marcada pelo êxito do modelo norte-americano, que saíra vitorioso do conflito com a União Soviética, pela crença de que este modelo – chamado a partir de agora de neoliberal - atuaria de maneira a reduzir as enormes desigualdades econômicas entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento e marcado também pela certeza de que os valores liberais republicanos prevaleceriam e que, naturalmente, o planeta se adaptaria a estes, melhorando em direção ao ideal norte-americano.

Segundo alguns autores, como PECEQUILO (2004), era o início do segundo século norte-americano, ou seja, ao virar o milênio, os Estados Unidos estaria vivendo seu segundo momento de hegemonia. No momento contíguo ao fim da Guerra Fria, no entanto, os Estados Unidos viveu um período de oscilação, que, ainda segundo PECEQUILO (2004), poderia ser dividido em três fases: uma fase otimista (1989-1991), uma fase pessimista (1992-1993) e uma fase de equilíbrio entre o pessimismo e otimismo (1994-1997).

Esta primeira fase seria marcada pelo fim da ideologia soviética, e a sua rápida troca pelos valores norte-americanos da democracia e do neoliberalismo. Este é o momento da consolidação da diminuição das fronteiras e do início do dito declínio do Estado-nação. Este momento é especialmente importante para o contexto do narcotráfico, assunto central deste texto, pois estes dois fatores também serviam de catalisadores para o aumento de sua influência como assunto da agenda global, já que sua disseminação também estava em pleno funcionamento. A segunda fase define uma reviravolta no contexto internacional, notadamente marcado pelo surgimento múltiplo de conflitos locais, aos moldes daquele ocorrido no Iraque, em 1991 – a Guerra do Golfo¹. Pode-se dizer que este momento serviu para macular a ideia inicial de invencibilidade do *hegemon* Estados Unidos, inclusive pela questão do narcotráfico, entre outros, que se colocaria como um entrave para a livre ação norte-americana pelo planeta não só pelo que representavam de perigo à segurança internacional estes conflitos locais, mas também pela perspectiva – que somente vai se configurar anos a frente – de um ajuntamento de países que contestariam sua condição de *primus sollus* (ALMEIDA, 2009) A terceira fase, portanto, definiria uma reorganização dos debates sobre o futuro norte-americano, inclusive com uma maior aceitação da tese de seu declínio. Inclusive, neste momento, é mais latente, segundo PECEQUILO (2004), por exemplo, que o mundo estaria marchando para um momento de desordem internacional, marcado pelo surgimento de novos atores, nacionais ou não, de novos assuntos na agenda global e de novas ameaças ao ideal de segurança internacional vislumbrado pelos Estados Unidos no início da década de 1990. Concomitantemente, estaria aumentando a demanda pela atuação dos organismos multilaterais criados a partir de 1944, como a ONU, para que atuassem de maneira mais efetiva nestes assuntos (PENNA FILHO, 2004)

¹ A atuação norte-americana como líder da coalisão de países que controlou rapidamente a questão iraquiana não foi tão efetiva no que tange a estes conflitos que eclodiram a partir de 1993, como no caso do desmantelamento da antiga Iugoslávia, conflitos na África e na Ásia.

Dessa maneira, é possível afirmar que a agenda internacional, que é reflexo direto destas oscilações, inclusive aquelas que tem seu epicentro nos Estados Unidos, sofreu uma profunda modificação nos anos imediatamente posteriores ao desmantelamento da União Soviética, em 1989. Motivada também pelo aparecimento destas novas ameaças, essa modificação estava intrinsecamente ligada à pluralidade da natureza da ordem internacional dos anos 90, marcada por uma maior atuação destes atores não-nacionais no sistema. Assim, e é neste ponto que as chamadas *ameaças transnacionais* se enquadram, sendo possível perceber claramente que assuntos como terrorismo, tráfico de armas, de pessoas, de entorpecentes, o meio ambiente, o desenvolvimento, os conflitos locais, as migrações, só para citar alguns exemplos, mas mais especificamente o narcotráfico internacional e suas redes, passam a ter maior peso nas discussões internacionais e nas formulações de políticas públicas em todo o mundo.

No entanto, para ser específico, o narcotráfico já era uma preocupação grande para os formuladores de políticas públicas norte-americanos desde a Administração Nixon. Ou seja, este assunto em específico, o Narcotráfico, e mais especificamente o México, tema central deste texto, já possuíam algum peso nos discursos políticos nos Estados Unidos, a potência hegemônica, quase vinte anos antes do fim da Guerra Fria.

O que ocorre, no entanto, é que o desmantelamento da União Soviética é um processo que ocorre simultaneamente ao lançamento de pesquisas demográficas que apresentavam o mercado norte-americano como o maior consumidor de substâncias ilícitas do planeta e apontam o México como grande produtor. Assim, diante da colocação que o narcotráfico se estabelecia como um grande problema a ser tratado pelos Estados Unidos – e pelo planeta, evidentemente - e que a segurança internacional deveria também considerar estes novos fatores como fundamentais para a sua construção, novas estratégias passaram a ser desenvolvidas, de acordo com o pensamento de cada um dos atores afetados pelo narcotráfico.

2 A DISCUSSÃO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA MEXICANA

Neste ponto entre o México. Acerca de tudo isto, o que é fundamental definir é que o narcotráfico é, definitivamente, um problema de Relações Internacionais, e isto pode ser visto pela origem e pela própria natureza desta atividade no México. A intensa relação que, historicamente, Estados Unidos e México possuem, toda a cultura de fronteira que se desenvolveu, tanto no campo da prática quanto no imaginário, além desta clara relação produtor-consumidor, concedem ao problema do narcotráfico em si, a legitimidade como problema de Relações Internacionais. A própria inserção do plantio da *amapolas* e *marijuana* no país, assim como a sua disseminação, o aumento do consumo interno e a transformação do México em um grande produtor de narcóticos, somente pode ser explicada se a interpretação do problema for feita de maneira correta.

Isto posto, a abordagem sobre a questão do narcotráfico no México deve ser feita de duas maneiras. A primeira refere-se ao trato do problema do narcotráfico por um viés teórico diferenciado, menos baseado em discursos predominantes, e mais interessados em levantar a consideração que discursos adjacentes possuem sobre esta questão. Onde, entre outras coisas, parte-se do pressuposto que o discurso hegemônico, muito forte no pós-guerra fria, sobrevaloriza certos aspectos da questão, e diminui a importância de aspectos como a história oral, os discursos não-hegemônicos, as redes econômicas que se formam em torno do tráfico internacional de drogas, entre outros aspectos. O que se percebe, claramente, é uma “hipersimplificação da problemática da segurança” (WIGHT, 2004), mas não somente isto.

O problema geral do narcotráfico, e mais especificamente, no caso do México, é tratado de maneira muito rudimentar, simplória, tanto por autoridades quanto por

especialistas, desconsiderando, por exemplo, a influência que a relação demanda-oferta tem nisso tudo. Baseia-se o problema em uma causa única, que indica uma relação muito imediata entre causa e efeito ainda que isto não seja empiricamente comprovável. A própria cunhagem do termo “narcoterrorismo” dá a sensação de que há uma ligação entre grupos terroristas e grupos narcotraficantes, e esta relação resume as atividades, as naturezas e o modus operandi destes grupos

A segunda abordagem é menos conceitual, mais histórica. No México, para efeito de comparação, o tráfico de drogas somente foi tratado como crime a partir da década de 1920, mas já é possível encontrar indícios de sua atividade tempos antes da Revolução, em 1910. Neste contexto inicial, não se podia enquadrar a venda nem o consumo de drogas dentro do país como parte de um sistema organizado, de crime organizado com as conotações atuais.

Um adendo importante para este processo, e que talvez explique bastante da cultura política mexicana com relação à obediência às leis, é que, em tempos coloniais, as legislações criadas pela Coroa Espanhola para que tivessem efeito na Espanha, quando chegavam à “*Nueva España*”, vinham acompanhadas da legenda: “*Obedezcase, pero no se cumpla*”. Isto significava, na prática, um reconhecimento das diferenças e das dificuldades de se aplicar uma lei criada para o contexto espanhol no contexto colonial, abrindo brechas para que se houvesse interpretações e até desrespeitos à autoridade metropolitana. Uma destas brechas se relacionava claramente ao contrabando de produtos para o México, visto que, diante do atraso industrial a que eram submetidas às colônias, mantendo assim o pacto colonial, era preciso abastecer as colônias com bens de consumo, vindos da Espanha. É possível, assim, fazer uma clara alusão à situação atual, onde o atraso econômico de certas regiões se combina claramente com o contrabando de produtos, desta vez no entanto, de substâncias narcóticas.

A questão do monopólio comercial reforçava esta ideia, visto que após alguns anos, a Espanha proibiu o comércio intercolonial, seja com as colônias limediras, seja com as Filipinas, por exemplo, sufocando ainda o México, que pôs em prática, novamente, estas brechas, para fazer comércio. Alega-se que esta é a raiz da corrupção endêmica no país, que remete diretamente aos fiscais de aduaneira que permitiam o contrabando. Sobre isto, diz BOLIO (2008):

Por un lado los aduaneros corruptos que hacían posible el contrabando, en muchos casos tenían que recurrir a un ingreso extralegal si querían sobrevivir, y como la corrupción se entronizaba en la mentalidad de la época, los funcionarios se dejaban sobornar sin mayores cargos de conciencia² (BOLIO, 2008, p.7).

Ainda sobre este ponto, outro problema é o trato com o serviço público e o cargo público, vistos a partir deste momento, não como parte de uma administração pública voltada para o bem comum, mas como parte de um patrimônio pessoal, transferível somente como herança para filhos e netos, em processo semelhante ao ocorrido no Brasil, e em outras colônias. O cargo público representava possibilidade de crescimento pessoal, de enriquecimento, e a corrupção era nada mais que uma continuação deste processo. Ainda que não se possa tipificar esta forma de corrupção dentro dos padrões atuais, já que o cargo público, neste contexto, não era exatamente uma necessidade de manter lealdade ao Estado, mas ao Rei, claramente se percebem as relações entre estas práticas e muitas das práticas, inclusive ligadas a agentes aduaneiros, que possibilitam a entrada e saída de carregamentos de cocaína pelo território mexicano até chegar ao território norte-americano, ligadas ao narcotráfico.

² Tradução livre: Por um lado, os fiscais de aduaneira corruptos que faziam possível o contrabando, em muitos casos recorriam a um ingresso extralegal se quisessem sobreviver, e como a corrupção se entronizava na mentalidade da época, os funcionários se deixavam subornar sem maiores encargos de consciência.

Ainda sobre isso, durante o regime ditatorial de Porfírio Díaz, o contrabando serviu como apoio aos revolucionários, possibilitando a própria Revolução, já que eram necessários recursos, armas, suprimentos para se sustentar o movimento. Quando da chegada do PRI (Partido Revolucionário Institucional) ao poder, estas práticas se institucionalizaram, visto que a diferença entre público e privado era muito tênue.

Assim, a partir da década de 1920, seguindo a tendência mundial, o México aderiu à tipificação do tráfico e do consumo de drogas como crime, com algumas exceções, por exemplo, para a *marijuana*, usada em casos especiais para tratamentos médicos. A influência norte-americana neste processo é fundamental, já que se envolvia como fornecedora do ópio consumido no México, basicamente em forma de bebida, misturada a líquidos fermentados.

Somente a partir da década de 1940 o México se transformou em produtor notável, especificamente de *marijuana* e *amapolas*, ou papoula, na região do chamado *Triângulo das Drogas*, ou a confluência, cercada por serras e por camponeses pobres, entre Sinaloa, Durango e Chihuahua. Logo aquela produção se tornaria um alento para aquela região, castigada economicamente pela inabilidade governamental, mas também um polo atrativo para a formação dos carteis de hoje em dia.

Esta produção tinha como destino os soldados norte-americanos feridos na Segunda Guerra Mundial, e era usada como anestésico em campo de batalha. O componente imigrante também é fundamental. A partir da mesma década, levas de chineses chegaram à região, trazidos para o México como mão-de-obra barata e eficiente para o sistema ferroviário mexicano, que estava sendo implantado. Isto significou um aumento na qualidade do produto, na disseminação do plantio e no aumento do consumo, já que o ópio é da cultura chinesa, seja em seu tratamento, seja em seu consumo. A estrutura dos *ferrocarriles* construída pelos chineses também foi usada para isto, como diz BOLIO (2008):

La organización impulsada por los nazis no sólo utilizó las rutas inauguradas por los chinos, sino que abrió nueva vías para llevar los estupefacientes enviados desde Alemania y Japón a ciudades como El Paso, Douglas, Laredo y San Diego. La logística y las operaciones de campo del cártel eran supervisadas por un teniente coronel desde la mismísima Oficina de la Presidencia. Para lo referente al lavado de dinero, el cártel incluyó a un banquero de origen sirio³. (BOLIO, 2008, p. 8).

A primeira resposta do Estado, como forma de repressão ao tráfico que crescia a passos largos na região de Sinaloa, seja com a exportação para o mercado norte-americano, para sustentar os soldados viciados que voltavam da guerra, seja para sustentar o mercado interno, já que a heroína era disseminada em forma de goma, e amplamente consumida na região, só ocorreu em 1941. O chefe da missão, diz PAOLI (), foi assassinado assim que chegou onde deveria chegar.

Diante deste processo, o México, já nos anos de 1950, respondia pela maior parte do fornecimento de drogas para os Estados Unidos, notadamente maconha, heroína e cocaína. Conta-se também, na literatura mexicana especializada, que os Estados Unidos, temendo escassez de heroína no período da Segunda Guerra, teria utilizado conexões com a máfia para investir no aumento da produção em solo mexicano. Com tantos interesses envolvidos no processo, a primeira grande operação do governo mexicano, a *Operacion Cóndor* somente veio a ocorrer em 1977, sem sucesso.

³ A organização impulsionada pelos nazistas não somente utilizou-se das rotas inauguradas pelos chineses, mas também abriu novas vias para levar os estupefacientes enviados da Alemanha e do Japão, para cidades como El Paso, Douglas, Laredo e San Diego. A logística e as operações de campo do cartel eram supervisionadas por um tenente coronel do mesmíssimo Gabinete da Presidência [mexicana]. Para a lavagem de dinheiro, o cartel incluía um banqueiro, de origem síria.

Outros aspectos históricos são fundamentais para se compreender o crescimento da produção e o fortalecimento dos carteis mexicanos. Ao longo do tempo, foi ficando evidente a forma como as autoridades mexicanas não compreendiam o fenômeno em sua totalidade, atacando-o de uma forma única e violenta, mas ineficaz. Isto fica evidente, por exemplo, com a tipificação do consumo de maconha, ópio e cocaína como crime, que fez o preço destes produtos no mercado consumidor explodir, tornando um negócio já rentável, ainda mais rentável, tanto no mercado americano, quanto no mercado mexicano.

Isto fica ainda mais grave durante o fim da década de 1980. Durante as guerras ocorridas entre os Cartel de Cali e o Cartel de Medellín, na Colômbia, já na década de 1990, a produção colombiana caiu significativamente, abrindo espaços para traficantes mexicanos, que souberam, habilmente, sustentar a demanda, gerando a cartelização da atividade econômica. A morte de Pablo Escobar, chefe do Cartel de Cali, em 1993, deu espaço a chegada de Amado Carrillo Fuentes e seu cartel, como maior fornecedor de cocaína aos Estados Unidos.

Além das práticas descritas acima, BOLIO (2008) resume a situação, de maneira brilhante e sucinta:

La subcultura del contrabando y de otras prácticas de poco o nulo respeto por la ley se traducen en actitudes de menosprecio por el estado de derecho, lo que ha continuado sin interrupción desde la colonia, que en siglo XX se expresó por la concurrencia al mercado de productos electrónicos, alimenticios, venta de drogas a relativamente baja escala, de armas, de productos piratas y todavía, en lo que va del siglo XXI de esos mismos productos, vino a reforzar una corrupción que llevaba aparejada la lacra de la poca o nula transparencia oficial y de la negación del rendimiento de cuentas que pretendía disimularse año con año con un informe presidencial, que en ese tiempo era avalado prácticamente en automático y sin críticas por un Poder Legislativo que operaba como un apéndice más del poder Ejecutivo Federal, en una ceremonia que parecía más propia de una monarquía sexenal que de un régimen democrático⁴. (BOLIO, 2008, p. 10).

3 A DISCUSSÃO NA PERSPECTIVA DOS CARTEIS

Neste contexto, surgem os carteis, que é na verdade uma complexificação das operações econômicas envolvidas no narcotráfico, e que passaram a tentar monopolizar determinadas áreas e disputar com outras, de forma bastante agressiva e violenta, o controle de outras. Atualmente, e apesar dos golpes aplicados às máfias de narcotraficantes, nos governos Fox e Calderón, e no governo atual, de Peña Nieto, de acordo com a informação da *Procuraduría General de la República*, existem sete famílias que possuem ou disputam o controle das rotas e dos mercados consumidores da América do Norte e Central.

A primeira e mais tradicional família, os Arellano Félix, lideram o chamado cartel de *Tijuana*, que centraliza suas operações na fronteira norte-ocidental, mas também com presença importante no sul e sudeste do país. Tudo indica que deste cartel partiu a ordem e o autor do assassinato do agente da *Drug Enforcement Association*, a agência americana antidrogas em solo mexicano, Enrique Camarena. Após este evento, por conta

⁴ Tradução livre: A subcultura do contrabando e outras práticas de pouco ou nulo respeito pela lei se traduzem em atitudes de menosprezo pelo Estado de direito, o que continua sem interrupção desde a colônia, que no século XX expressou-se na concorrência no mercado de produtos eletrônicos, venda de drogas e em relativa baixa escala, de armas, de produtos piratas e, todavia, no século XXI, envolve os mesmos produtos, reforçando uma corrupção que levava consigo a chancela da pouca ou nula transparência oficial e da negação da prestação de contas que se pretendia dissimular ano a ano com um informe presidencial, que neste tempo era avalizado praticamente em automático e sem crítica por um Poder Legislativo que operava mais como um apêndice a mais do Poder Executivo Federal, em um cerimônia que parecia mais própria de uma monarquia do que de um sistema democrático.

da enorme retaliação sofrida pelo cartel, o cartel de Tijuana passou a se especializar na comercialização de cocaína, em associação com a máfia colombiana, abandonando as tradicionais rotas que exploravam a venda de maconha e heroína para os Estados Unidos. Alguns líderes foram presos, mas as operações continuavam a ser comandadas de dentro dos presídios federais, um fenômeno que se repete em outros países.

O segundo cartel a considerar é o Cartel do Golfo, que espalha suas atividades por três departamentos mexicanos. É controlado pela família Cárdenas, que tem alguns de seus membros presos, mas também mantém a logística de suas operações desde presídios. A principal preocupação com o Cartel do Golfo era a relação com o grupo paramilitar conhecido como *Los Zetas*, que atuava com violência e truculência na ocupação territorial e no controle das rotas, além de sequestros e assassinatos em massa. O controle feito por este cartel, até pouco tempo atrás, dependia da violência dos Zetas, que inclusive suscitou o surgimento de um grupo contrário, o chamado Cartel de *Jalisco y Nueva Generación*, também conhecido como *Los Matazetas*, que produziram combates sangrentos nos anos de 2010, 2011 e 2012. Atribui-se a este cartel operações na Europa, junto a máfias do Leste Europeu, e na África.

O terceiro a considerar é o cartel liderado pela família Guzmán, que é temido Cartel de *Sinaloa*. Este cartel opera na costa pacífica do território mexicano, ampliando suas ações nas zonas centro e sul do país. Da cisão deste cartel, após a captura de Alfredo Beltrán Leyva, surge mais um cartel a ser considerado, o cartel *Beltrán-Leyva*, que já aliançou-se anteriormente com o Cartel do Golfo, mas hoje foi desarticulado pela captura de seus líderes. Isto na verdade, gerou o esfacelamento deste cartel em vários outros menores, o que indicaria a ineficácia da repressão única e objetiva do problema.

Em *Ciudad Juárez* está o quinto cartel a considerar, controlado pelos Carrillo Fuentes, o chamado Cartel de *Juárez*, com controle de 21 departamentos mexicanos. Com base na informação oficial, e em BOLIO (2008) esta é a maior organização criminal da América Latina, que mantém ligações correntes com outros carteis, sugerindo uma diversificação da lógica econômica das operações. Segundo Fernandez Menendez (1999), o Cartel de Juárez é mais que um cartel, é a união de vários grupos poderosos, como uma *holding*, e que inclusive tinha uma mulher em seu comando.

Os dois últimos carteis a serem considerados são os carteis do *Milênio* e o cartel liderado pela família Parada. O primeiro especializou-se na comercialização de metanfetaminas para o mercado consumidor norte-americano, o que vem sendo sistematicamente desarticulado por uma dupla de fatores, a repressão e o surgimento de laboratórios domésticos de metanfetamina pelos Estados Unidos, mas as últimas informações da PGR demonstram um aumento em suas operações. O segundo é um forte produtor de cocaína e maconha, e ficou conhecido pelo assassinato de um juiz federal, algo a que é comumente atribuído a seu *modus operandi*.

4 CONCLUSÃO

No início da Administração Obama, deu-se continuidade ao plano de combate ao narcotráfico em solo mexicano, conhecido como *Iniciativa Mérida*. Um enorme aporte financeiro e militar foi realizado a partir deste plano, nos moldes do coirmão *Plano Colômbia*, que teve sucesso relativo. A abordagem deste plano, portanto, deve alcançar alguns resultados imediatos, como se tem percebido na redução de alguns índices criminais, mas pode gerar outros problemas.

Um problema imediato é não a diminuição, mas o contrário, a reprodução dos carteis por todo o México. Carteis como *La Familia Michoacana*, *Knights Templars*, e outros, surgem da repressão, mas da própria característica fluida do narcotráfico, muito criativo quando precisa se desdobrar da repressão, e isto é reflexo disto. Um outro

problema é o controle praticamente total que estes carteis possuem agora também sobre países como Honduras, El Salvador, Cuba, entre outros, o que ampliou suas operações, e evidentemente, o poderio destas organizações. Existem outros problemas, maiores ou menores, que deixam uma lição importante.

A maior delas, nesta discussão inicial, é de que o tratamento uni causal do problema do narcotráfico é mais prejudicial do que efetivo. Quer dizer, pensar o problema como um problema da oferta, é esquecer-se que a demanda determina o preço e a quantidade a ser produzida. Pensar o problema como nacional é esquecer-se dos vários fluxos transnacionais que o configuram e que dificultam seu controle. Pensar o problema somente a partir da visão do ator nacional é desconsiderar a enorme defasagem que possuem as suas funções básicas, como soberania e território definido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O Brasil e as relações internacionais no pós-Guerra Fria. In: In: Nilzo Ivo Ladwig e Rogério Santos da Costa (orgs.) **Vinte anos após a queda do muro de Berlim: um debate interdisciplinar**. Editora da Unisul: Palhoça, 2009.

BAYLEY, John. **¿Qué es la Iniciativa Mérida?**. Retirado de El Universal, 25 de febrero de 2008. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com.mx/editoriales/39841.html>>

BOLIO, Iván Paolo. **Evolución del narcotráfico en México**. Rev. Bien Común. México DF: Fundación Rafael Preciado Hernández, 2008

Drug Enforcement Administration (DEA). **The History Book. A tradition of excellence 1973-2003**. DEA: 2003. 4 Dec. 2007. <http://www.dea.gov/pubs/history/index.html>

FERNANDEZ MENÉNDEZ, Jorge. **Narcotráfico y poder**. Ciudad de México: Payuela Editores, 1999.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Transição do Pós-Guerra Fria**. Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica: São Paulo, 2004.

PENNA FILHO, Pio. Segurança seletiva no pós-Guerra Fria: uma análise da política e dos instrumentos de segurança das Nações Unidas para os países periféricos – o caso africano. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 47, n. 1, jun. 2004.

Presidencia de la República. **Primer informe de gobierno**. Disponível em: <<http://www.informe.gob.mx/2007>>.

WRIGHT, Erik Olin. Restrições benéficas: benéficas para quem? **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 2, Nov. 2004.